



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

LETRAMENTOS, NARRATIVA TRANSMÍDIA e MULTIMODALIDADE: percursos entre o tipográfico e o digital

TRANSMEDIA NARRATIVA Y MULTIMODALIDAD:
caminos entre tipográfico y digital

LITERACIES, TRANSMEDIA NARRATIVE AND MULTIMODALITY:
routes in-between the typographic and the digital worlds

Eliane Fernandes Azzari
PUC-Campinas
eliane.azzari@puc-campinas.edu.br

Ingrid Tainá Vieira Nascimento
PUC-Campinas
ingrid.tvn@puccampinas.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta resultados da pesquisa que examinou práticas de letramento contemporâneas que tramitam entre os universos on-line e off-line. Para tanto, encontrou-se amparo metodológico na Etnografia Digital. O *corpus* é formado por extratos de páginas na internet do perfil “Adjetivou” e do livro de poesias “Colecionando partes de mim”, de Nogueira (2018). A análise está fundamentada em discussões bakhtinianas acerca da linguagem, nos estudos dos Letramentos e no conceito de narrativa multimodal e transmídia. A discussão dos dados aponta o papel dos ambientes digitais como espaços de afinidade e para a construção de “escritas do eu”, focalizando sua evidente interface com saberes e fazeres do mundo analógico. Sugere-se também que é preciso considerar que a leitura e a escrita na atualidade estão sustentadas por recursos que integram práticas sociais características tanto da sociedade tipográfica quanto da sociedade digital, o que apresenta implicações para a formação docente, especialmente no campo da educação linguística.

Palavras-chave: Letramentos. Dialogismo. Narrativa transmídia.

Resumen: Este artículo presenta los resultados de una investigación que examinó las prácticas de alfabetización contemporáneas que se mueven entre los universos en línea y fuera de línea. Por tanto, se encontró soporte metodológico en la Etnografía Digital. El corpus está compuesto por extractos de páginas digitales del perfil “Adjetivou” y del libro de poesía “Colecionando partes de mim”, de Nogueira (2018). El análisis se basa en discusiones bakhtinianas sobre el lenguaje, los estudios de Letramentos y el concepto de narrativa multimodal y transmedia. La discusión de los datos señala el papel de los entornos digitales como espacios de afinidad y para la construcción de “escritos del yo”, pero con una clara interfaz entre conocimientos y prácticas en el mundo analógico. También se sugiere que es necesario considerar que la lectura y la escritura hoy en día se apoyan en recursos que integran prácticas sociales propias tanto de la sociedad tipográfica como de la



sociedade digital, lo que apunta a implicaciones para la formación del profesorado, especialmente en el campo de la educación lingüística.

Palabras clave: Letramentos. Dialogismo. Narración transmedia.

Abstract: This paper presents results of a research in which contemporary literacy practices that transit in-between the online and the offline worlds are investigated. The researchers adopted Digital Ethnography as a methodological approach. The corpus consists of excerpts from different digital pages publicly shared by a profile entitled “*Adjetivou*” and from the print book “*Colecionando partes de mim*” (Nogueira, 2018). The analysis is grounded in Bakhtinian discussions about languages, in the Literacies studies and in conceptualizations of multimodal and transmedia narrative. The data discussion highlights the role of digital environments as affinity spaces and its use for the elaborations of “writings of the self”. It also focuses on evident interfaces between such environments and knowledge/practices from the analogic world. It is also suggested that one needs to take into consideration that reading and writing nowadays are literacy practices supported by resources that combine acts of the subjects that are typical from both the typographic and the digital societies, what has implications for teacher instruction, particularly in the field of language education.

Keywords: Literacies. Dialogism. Transmedia narrative.

Introdução

Neste artigo¹, focalizamos manifestações socioculturais que se inter-relacionam em trâmites entre o universo analógico e o digital. A nosso ver, há práticas de leitura e escrita contextualizadas em ambientes on-line que marcam incursões do sujeito na criação, na apreciação e no compartilhamento de narrativas que mesclam letramentos típicos da sociedade tipográfica a outros que são característicos do universo digital.

Conforme sugerem Gee e Hayes (2011, p. 33), um dos resultados dessa nova arquitetura é o surgimento de novos tipos de pessoas e(m) novos tipos de relacionamentos porque, além das diferentes formas de comunicar e participar socialmente, os sujeitos e os recursos digitais (especialmente aqueles situados no contexto síncrono) afetam e são simultaneamente afetados por essas interações, como esclarece Monte Mór (2017). Assim, envoltos em interações discursivas, usuários desses meios tanto reconfiguram as linguagens quanto são por elas (e suas tecnologias) (re)constituídos.

Dessas relações, abre-se oportunidade para o contato e a convivência de apreciações e valores compartilhados, que são acomodados nos chamados “[...]espaços passionais de afinidade” (GEE; HAYES, 2011, p. 65). Nesses campos, geralmente ancorados em plataformas/aplicativos que abrigam a formação de redes sociais, os sujeitos partilham interesses comuns, discutem seus objetos de estima e engajam-se em práticas letradas que antes ficavam restritas apenas ao âmbito acadêmico/escolar, em que eram mediadas por tecnologias analógicas tais como o papel e o lápis (ROJO; MOURA, 2019; BARTON; LEE, 2015).

¹ A pesquisa foi parcialmente financiada por Bolsa IC/Fapesp n. 2020/15169-4.



O acesso aos recursos e aos ambientes digitais – o que, de fato e infelizmente, não podemos nem queremos tomar aqui como realidade *a priori* e de maneira homogênea, especialmente em um país com disparidades socioeconômicas como o Brasil² –, propiciou o surgimento de outras formas de escrita e apreciação de textos. Nessa direção, discutindo práticas e linguagens centradas no universo digital síncrono, Barton e Lee (2015, p. 93-94) destacam a emergência da “escrita do eu”, amplamente representada por narrativas imagéticas, por exemplo, materializadas por fotos e geralmente acompanhadas por descrições que estruturam processos de constituição/representação de subjetividades e de identidades múltiplas, sociais e que são documentadas através das mídias digitais.

Como apontam Barton e Lee (2015, p.95), narrativas construídas em redes sociais digitais por intermédio da prática letrada multimodal nos levam a pensar a relação entre sujeito-escritor (autor) e sujeito-leitor ou público-alvo (no sentido de plateia ou audiência) de modo menos dicotômico e polarizado. De tal forma, entendemos que as relações entre autores-leitores na sociedade digital e midiaticizada (termo que adotamos a partir do que discute Androutsopoulos, 2014), apresentam interlocuções estabelecidas entre os participantes em espaços de afinidade on-line que contribuem para a pluralização do conceito de identidade.

Tendo em mente o contexto descrito, estudamos algumas postagens do perfil “Adjetivou” em suas redes sociais públicas circuladas em três plataformas: Facebook³, Instagram⁴ e Twitter⁵. Adotando a proposta de Monte Mór (2017) acerca de interfaces entre os conceitos de “sociedade da escrita e sociedade digital”, também articulamos possíveis (inter)relações entre as narrativas construídas no Perfil “Adjetivou” e o livro impresso “Colectando partes de mim”, uma coletânea de poemas escritos por Nogueira (2018), que é uma das administradoras das páginas do perfil.

Além de Nogueira, outras quatro amigas criaram e administram “Adjetivou”. Trata-se de um grupo de jovens com idade entre 18 e 24 anos que usam as páginas do perfil em diferentes mídias para, entre outras coisas, divulgar seus poemas e frases aos quais assinam com suas iniciais. Note-se que o perfil também teve página na plataforma Tumblr, mas como nós identificamos que não havia um volume significativo de interações públicas em rede social nessa mídia, para fins deste estudo, resolvemos descartá-la na busca por dados. Portanto, nossos resultados advêm principalmente da coleta de dados compartilhados publicamente nas páginas em que o perfil circula e de suas interfaces com o livro de Nogueira (2018).

2 Um panorama detalhado a este respeito pode ser visto no relatório TIC Educação 2017, disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/tic_edu_2017_livro_eletronico.pdf.

3 Disponível em: <https://www.facebook.com/adjetivou>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

4 Disponível em: <https://www.instagram.com/adjetivou/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

5 Disponível em: <https://twitter.com/adjetivou>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.



Ancorado na perspectiva dos letramentos, este trabalho perpassa a esfera educacional e aborda possíveis contribuições de nossa pesquisa para a formação (inicial e continuada) de docentes no campo dos estudos da linguagem.

Sobre identidades, dialogismo e narrativa transmídia

Múltiplas, multifacetadas, inacabadas e concomitantemente atuantes, as identidades narradas na contemporaneidade adotam caminhos midiáticos que contribuem para o surgimento da narrativa transmídia, como esclarecem Jenkins (2011) e Gosciola (2012). Isso porque, aproveitando-se da diversificação de recursos (muitas das vezes, “gratuitos”) oferecidos por inúmeras mídias digitais, os sujeitos engajados em práticas letradas dos dias correntes não precisam mais limitar o desenvolvimento e a divulgação de suas narrativas a apenas um único contexto, suporte ou meio. Para Gosciola (2012, p. 132), “[...] a narrativa transmídia se desenvolve continuamente assim como os modos de contar múltiplas histórias que utilizam as múltiplas plataformas comunicacionais”.

Assim, assumimos a construção de narrativas como um fazer cultural que permite situar os leitores-escritores como sujeitos sociais que se inscrevem em enredos nos quais há intrínsecas e inseparáveis relações de tempo e espaço, ou seja, um “cronotopo” específico. É justamente o cronotopo, termo que adotamos das proposições de Bakhtin (2018), que nos permite vislumbrar os sujeitos dialogicamente, como seres sociais e históricos. Por isso, entendemos que diferentes formas de tessitura narrativa registram cronotopias culturais, o que justifica pensarmos que é preciso entender que “[o] texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências)” (BAKHTIN, 2011, p. 307). Neste contexto, o termo “texto” passa a significar

[...] qualquer conjunto coerente de signo, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) [pois] [o] pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamento dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos etc.) (BAKHTIN, 2011, p. 308).

De tal forma, concebemos o texto/enunciado sob perspectiva dialógica, como parte constituinte em uma cadeia enunciativa e a partir de sua inserção em determinado campo (esfera social de produção/circulação). Assim, ancoradas na proposta de Bakhtin (2011), focalizamos o papel/lugar do sujeito, com suas especificidades e posições cronotópicas e as posições que assume no enunciado o que, neste viés, “[...]reflete todos os textos (no limite) de um dado campo do sentido” (BAKHTIN, 2011, p. 309).



Com base nas proposições de Bakhtin (2011), para quem há um “segundo sujeito” que figura nos enunciados e que representa a polifonia e a heteroglossia discursivas (BAKHTIN, 2011; 2018), acreditamos que investigações que abordam o sujeito em seus papéis enunciativo-discursivos como autor-leitor, interlocutor (e, sempre a partir de um “texto”), ajudam a compreender e a ampliar questionamentos acerca da sociedade e de seus funcionamentos.

Desse modo, navegando com suas criações textuais entre plataformas, aplicativos e ambientes digitais diversos, leitores-escritores deixam rastros de si em suas narrativas, o que nos permite acessar subjetividades/identidades enquanto seguimos um movimento que marca percursos transmidiáticos, conforme argumenta Jenkins (2011), mas que também registra um processo discursivamente dialógico, responsivo e ativo (BAKHTIN, 2011; 2018). Disso implica-se ainda que não tratamos nossos objetos de estudo como práticas sociais que estariam *apenas* confinadas ao âmbito e às propriedades exclusivas do ciberespaço.

Como esclarecem Blommaert e Maly (2019), diversas produções culturais atestam que os eventos dos mundos on-line e off-line já há muito se misturam e (con)vivem sem a presença de paredes imaginárias. No final da década de 1990 e no início dos anos de 2000, tal barreira simbólica era comumente construída/representada em discussões teóricas que reforçavam a dicotomia entre os universos “real” e “virtual”. Tais “linhas invisíveis” se tornaram mais embaçadas à medida que surgiram inúmeros movimentos que registram interfaces entre vivências e acontecimentos síncronos e assíncronos. Dentre eles, incluem-se práticas de leitura e de escrita que reforçam relações dialógicas entre os dois universos. Portanto, há oportunidade para o estudo das sociedades e dos sujeitos a partir da investigação de suas produções culturais situadas em ambientes que contam com a internet.

Procedimentos metodológicos

A nosso ver, estudar produções decorrentes de práticas socioculturais no âmbito acadêmico-científico demanda a observação de sua integridade, o que requer analisá-las em sua materialidade, a partir da noção “ampliada” do conceito de texto, pois

[i]ndependentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida. Todo o texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve). [...] manifestam-se em toda parte tipos especiais de autores, inventores de exemplos, experimentadores com sua peculiar responsabilidade autoral (aqui existe também um segundo sujeito: quem poderia dizer dessa maneira) (BAKHTIN, 2011, p. 308).



Nessa perspectiva, o dialogismo é base para o estudo de enunciados/textos e (seus) discursos de modo que, ao analisarmos os dados a partir do exame dos objetos eleitos para esta investigação, entendemos estar promovendo o conhecimento sobre “[o] enunciado em sua plenitude [que] é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos) [que] penetram o enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 313).

Desse modo, este trabalho adota a abordagem discursiva para as línguas/linguagens e está situado no escopo da pesquisa qualitativa, que é uma vertente vasta e complexa e que figura em investigações que têm sido amplamente desenvolvidas no campo das humanidades. Trata-se de um fazer acadêmico-científico que pode mobilizar grande número de métodos e instrumentos, além de ser associado a diversas correntes teóricas. Podemos pensar a pesquisa qualitativa como

[...]uma família integrada e complexa de termos, conceitos e suposições. Entre eles, estão as tradições associadas ao fundacionalismo ao positivismo, ao pós-positivismo, ao pós-estruturalismo e às diversas perspectivas e/ou métodos de pesquisa relacionados aos estudos culturais e interpretativos (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 16)

Assim, trabalhando sob perspectiva qualitativa e em razão de termos levantado dados em produções localizadas em diferentes mídias no ciberespaço, encontramos suporte metodológico na etnografia digital. De acordo com Pink et al. (2016), embora a etnografia possa ser entendida como uma abordagem consolidada em pesquisas desenvolvidas em áreas tais quais os estudos culturais e a antropologia, sua aplicação em investigações no contexto digital pode ser considerada uma mudança significativa, visto que pesquisas etnográficas realizadas nesse âmbito trazem à tona as propriedades específicas desses ambientes (especialmente os que interagem com/na internet). Mas, essa afirmação é feita também, e principalmente, porque a pesquisa em etnografia digital focaliza e visibiliza esses ambientes como tempos-espacos em que grande parte das relações humanas acontecem nos dias presentes.

Uma das características marcantes dessa metodologia é o fato de exigir certa flexibilidade por parte das pesquisadoras, já que se trata de um fazer científico que mobiliza investigações em um contexto volátil, maleável e que está constantemente em mudança, como esclarecem Pink et al. (2016, n/p). Ademais, outra peculiaridade diz respeito aos instrumentos de pesquisa que, geralmente, acabam sendo escolhidos dentre as próprias mídias, ferramentas e recursos propiciados pelos meios digitais.

Diante do exposto, esclarecemos que parte de nosso *corpus* é composto por dados que coletamos de páginas digitais do perfil “Adjetivou” que circulam na internet de forma pública e em plataformas dedicadas a redes sociais cujo acesso é gratuito. Para essa coleta, mobilizamos mecanismos de captura de tela disponíveis nos navegadores e computadores



e que nos permitiram registrar postagens divulgadas pelo perfil “Adjetivou” em diferentes plataformas. Neste trabalho, apresentamos alguns desses dados já realocados como imagens e às quais nos remetemos em nossa discussão por “figuras”.

Além disso, trechos selecionados do livro impresso “Colecionando partes de mim”, de Nogueira (2018), também integram o *corpus* total da pesquisa e foram escolhidos porque, a nosso ver, dialogam com dados coletados das diferentes páginas do perfil “Adjetivou”. Para o presente artigo, selecionamos e damos destaque a alguns extratos desse *corpus*.

Nesse ínterim, nossa pesquisa também nos levou a outra publicação, uma entrevista de Natália Nogueira compartilhada publicamente na página “Literavistando⁶”, da qual também coletamos excertos que compõem os dados. Na entrevista cedida a Alyssa Burns, (codi)nome da proprietária da página, Nogueira relata aspectos de sua trajetória até a publicação de seu livro de poemas em formato impresso, além de tecer comentários sobre sua relação com o perfil “Adjetivou”.

“Adjetivou” e “Colecionando partes de mim”: navegando entre o tipográfico e o digital

Colocamos em diálogo enunciados advindos dos contextos digital e analógico, considerando que “[...]as relações de sentido entre os diferentes enunciados assumem índole dialógica (ou, em todo caso, matiz dialógico)”, como afirma Bakhtin (2016, p.88).

Abordando conexões entre os letramentos e a criticidade no ciberespaço, Jordão (2007) informa que conhecimentos construídos em meio off-line e em contextos escolares ainda são mais favorecidos, tidos como “transformadores”. No entanto, a pesquisadora explica que essa é uma ideia que tem menos a ver com o papel que as escolas e as universidades desempenham no sentido de fomentar a cidadania e o pensamento crítico e mais com o fato de que essas instituições ocupam um lugar hierarquicamente privilegiado no que concerne a enunciação de valores, identificados em construções discursivas. Portanto,

[c]onforme o prestígio de uma comunidade em relação à outra, tanto mais ou menos legitimidade terão os procedimentos interpretativos – e os conhecimentos que deles derivam e que ela avaliza. Desse modo, o valor dos conhecimentos e dos sujeitos está nas relações que as sociedades *atribuem* a eles e aos procedimentos adotados para construí-los, e não em uma suposta “essência” que eles teriam em comum e que lhes conferiria valor intrínseco universal (JORDÃO, 2007, p. 23).

Buscando apoio na discussão de Jordão (2007), situamos nossa interpretação dos extratos do *corpus* de pesquisa que aqui apresentamos e, assim, estabelecemos o lugar de que falamos neste trabalho.

⁶ Blog disponível em: <https://alyss4burns.wixsite.com/literavistando/post/entrevista-com-nat%C3%A1lia-nogueira>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.



Inicialmente, procuramos entender as relações e interações comunicativas estabelecidas por intermédio do perfil, em diversas mídias. Criado e administrado de forma colaborativa, “Adjetivou” é um perfil que congrega amigas que compartilham a paixão pela poesia, pela escrita e pelas literaturas. O Quadro 1 organiza resultados das buscas que realizamos no ciberespaço até o dia 15 de abril de 2020 e informa, de modo geral, características das páginas de perfil em diferentes plataformas.

Quadro 1: Panorama geral do perfil “Adjetivou” nas três plataformas investigadas

Plataforma: Facebook (https://www.facebook.com/adjetivou)	Plataforma: Instagram (https://www.instagram.com/adjetivou/)	Plataforma: Twitter (https://twitter.com/adjetivou)
<ul style="list-style-type: none">– Criada em 15 de abril de 2017;– as postagens são regulares, porém a interação entre as administradoras e os/as seguidore(a)s do perfil via comentários e/ou “curtidas” são mais pontuais;– 1397 seguidores.	<ul style="list-style-type: none">– Criada em 15 de abril de 2017;– São regulares tanto as postagens quanto a interação entre as administradoras e os/as seguidore(a)s do perfil via comentários e/ou “curtidas”;– 191 postagens;– 369 seguidores.	<ul style="list-style-type: none">– Criada em abril de 2017;– tanto as postagens quanto a interação entre as administradoras e os/as seguidore(a)s do perfil via comentários e/ou “curtidas são regulares”;– 647 postagens;– 939 seguidores.

Fonte: Elaborado pelas autoras para este trabalho.

Ao inter-relacionar as formas privilegiadas de saber e do conhecimento da sociedade da escrita e os recursos e práticas da sociedade digital e em rede – tais quais as afiliações temáticas, as redes sociais e as interações entre múltiplas mídias –, Nogueira e suas parceiras de “Adjetivou” articulam diversos letramentos contemporâneos. Recorrendo à multimodalidade e às multimídias, as jovens interconectaram seus interesses por textos literários, pela leitura e pela escrita, de forma que encontraram no contexto digital um lugar para vozear suas paixões, unirem-se a outras pessoas afins e, no caso de Nogueira, até mesmo para ajudar a financiar seu projeto de publicação e venda de um livro impresso.

Segundo Gosciola (2012), muitas histórias circulam por diversas mídias pois isso também promove o deslocamento do apreciador/espectador. Além disso, ainda que todas as plataformas utilizadas pelas cinco amigas se destinem a redes sociais, é preciso notar que cada uma delas tem características particulares, tais como a possibilidade e o modo de veicular vídeos e os limites para o tamanho dos textos verbais postados, entre outras diferenças de design que as tornam mais ou menos atraentes para diferentes usuárias e seus propósitos.

O percurso realizado por Nogueira e suas colegas nos permite observar o dialogismo inerente às relações estabelecidas entre diferentes espaços/práticas comunicativo-discurs-



sivas. Natália Nogueira, que é estudante de Letras, começou escrevendo contos, poemas e frases em plataformas de escrita amadora e depois foi também para outras mídias com o perfil “Adjetivou”. Em 2018, inseriu-se no universo tipográfico ao lançar um livro custeado de forma colaborativa. No entanto, a nosso ver, Nogueira não se concretizou como uma escritora apenas após a publicação de seu livro impresso, posto que já vinha se construindo e assumindo a posição de sujeito-autora ao longo de sua trajetória pela escrita amadora, em contexto digital.

Um exemplo do movimento dialógico e transmidiático pode ser notado no processo de financiamento coletivo que Nogueira mobilizou para conseguir fomentos e publicar exemplares impressos de seu compêndio de poemas. Ela recorreu ao “*crowdfunding*”, que é a arrecadação de recursos financeiros realizada por intermédio de redes sociais. Ou seja, Nogueira utilizou a versão digital da antiga “vaquinha” para conclamar o auxílio de seus leitores/apreciadores e alcançar sua meta para o lançamento de seu livro impresso. A Fig. 1 traz em imagem a captura de tela com postagem que circulou em sua rede social na plataforma Twitter.

Figura 1: Captura de tela. Levantamento de recursos para publicação de livro.



Disponível em: <https://twitter.com/adjetivou/status/1059245286701350913/photo/1>. Acesso em: 07 jan 2021.

A mesma postagem foi também divulgada nas redes sociais de Nogueira em outras plataformas. Notamos que, embora a autora crie narrativa no âmbito específico da transmidiaticidade, seu gesto pode ou não contar com o deslocamento e a participação de suas interlocutoras entre as mais diversas mídias. De nossa parte, entendemos que esse movimento transmidiático poderia também ser visto simplesmente como uma forma que a escritora



encontrou para tentar alcançar o maior número possível de pessoas que, apreciadoras de seu trabalho, podem preferir participar de redes sociais em determinada mídia, não acessando às outras.

Acerca da postagem de Nogueira representada na Fig. 1, retomamos Barton e Lee (2015, p. 93-94) que apontam a emergência da “escrita do eu”. Nesse caso, Nogueira a constrói através do texto verbal no Twitter. Seu texto cria narrativa marcada por tom de apelo e, portanto, repleta de valor emotivo-volitivo (BAKHTIN, 2016), e que nos permite acessar sua identidade/subjetividade. No texto representado pela Fig. 1, Nogueira abandona o uso das iniciais, que marcam a autoria nos textos postados em “Adjetivou”, e assume a primeira pessoa e o nome próprio: “[...]Oi, gente, meu nome é Natália, sou uma das autoras desta conta!” (cfe. Fig.1).

Ao usar o primeiro nome, Natália busca estabelecer empatia e aproximar-se de seus interlocutores. Deixa de ser representada apenas por iniciais, para se tornar sujeito-autora, pessoa “real”, nominada e que deseja ingressar no rol das escritoras amadoras conhecidas no meio digital que se tornaram “publicadas”. Ao assumir o “eu” e seu nome, “Natália” torna-se sujeito, num ato que denota “ser e estar no mundo”. Esta é uma ideia que emprestamos das discussões de Bakhtin (2016), segundo o qual, ao contrário do modelo cartesiano, o sujeito não “é”, mas sim “torna-se” quando participa de atos, envolto em interações discursivas. Ela continua a construção de sua argumentação e dialoga com sua rede, anunciando que “[r]ecentemente uma editora entrou em contato comigo para que fosse possível eu lançar o meu primeiro livro, eles me ofereceram um leque gigantesco de opções (...), e eu me senti mais confortável em lançar algo que era “mais eu”” (cfe. Fig. 1).

Desse modo, observado na integridade de seu todo, o processo transmídia permite que a escritora construa um “enunciado” (no sentido proposto por Bakhtin, 2016), em que sua voz e posição-sujeito são marcadas em primeira pessoa do singular, ressoando na materialidade linguística da qual também emerge a subjetividade da jovem poeta, que almeja publicar suas poesias no universo tipográfico – mas, desde que possa se sentir “mais confortável” com uma publicação autobiográfica, i.e.; que seja “mais eu”. Assim, além de reafirmar o lugar da “escrita do eu” nos meios digitais, o texto em destaque na imagem representada pela Fig. 1 também reforça o valor e o prestígio atribuídos às práticas de escrita tipográficas.

A Figura 2 apresenta uma captura de tela da postagem que Nogueira fez após receber a prova de capa do livro. No texto verbal que acompanha a imagem, a escritora faz agradecimentos e reforça a “[...] contagem regressiva para o financiamento coletivo” do livro.



Figura 2: Captura de tela da divulgação do financiamento coletivo do livro impresso de Nogueira no Facebook

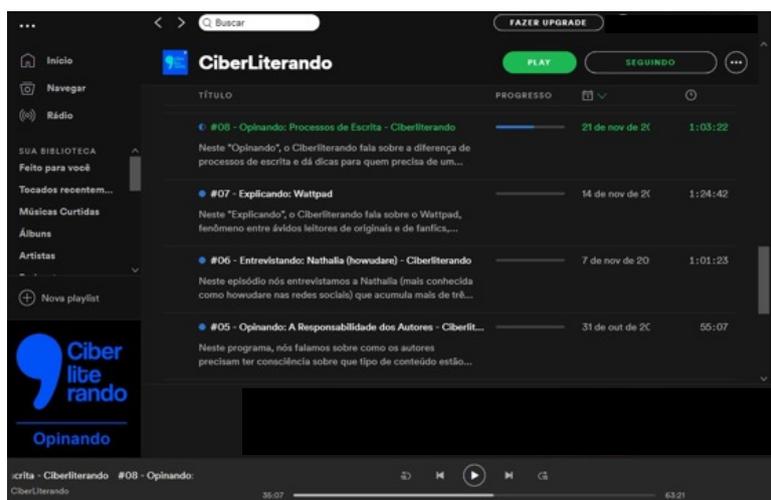


Fonte: Recuperado de <https://www.facebook.com/photo?fbid=2384527258239267&set=a.487885254570153>
<https://tr.com/adjetivou/status/1059245286701350913> Acesso em: 8 fev. 2021.

Após publicar seus poemas em uma coletânea impressa, Nogueira se envolveu em outro perfil que se dedica a temáticas relacionadas à literatura por intermédio de uma **série de podcasts**⁷, o “CiberLiterando” (Fig. 3). Trata-se de outro projeto de Nogueira em parceria com uma de suas amigas. As jovens criaram o perfil (também colaborativo) em outubro de 2020 e firmaram redes sociais em plataformas como YouTube, Spotify e Deezer.

O “CiberLiterando” prioriza conteúdos elaborados em áudio nos quais as duas jovens discutem questões relacionadas à ficção em meio digital, apresentam entrevistas com pessoas que produzem ou estão envolvidas com o tema (escritores profissionais e amadores), e no qual também comentam o processo de escrita criativa – ambas as administradoras do perfil criam textos de ficção, tanto individual quanto colaborativamente.

Figura 3: Captura de tela da página inicial do perfil Ciberliterando



Fonte: Imagem do arquivo das autoras capturada de: <https://open.spotify.com/show/21CJaRfmOxKs2Syl3FpVlc>. Acesso em: 24 fev. 2021.

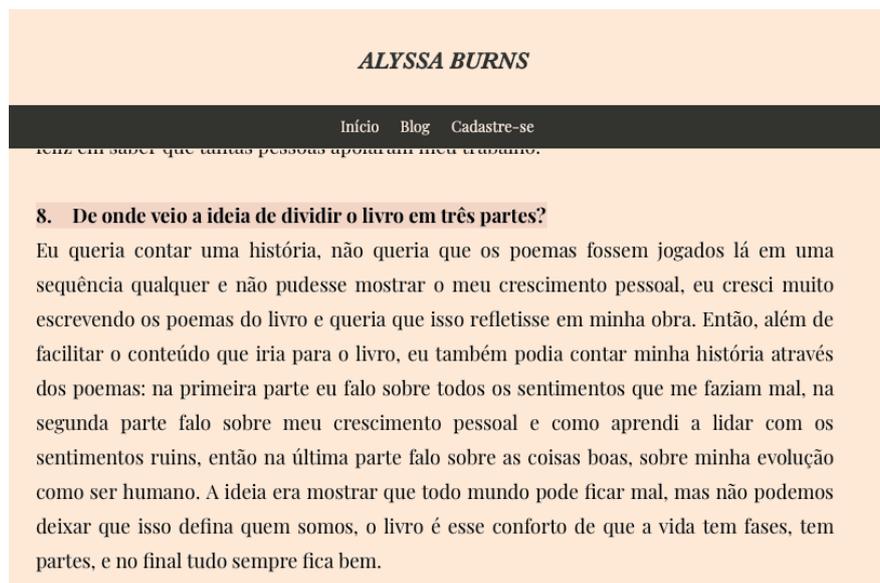
⁷ *Podcast* é uma gravação multimídia em que a programação sob demanda pode ser escutada pelo público a qualquer momento.



Os *podcasts* circulados pelo perfil “Ciberliterando” reiteram o diálogo que as jovens estabelecem com conhecimentos do contexto acadêmico, já que apresentam “dicas” de escrita, falam sobre a responsabilidade autoral etc. e assim, criam uma ponte entre os saberes institucionalmente prestigiados na educação e as práticas de *fã* – já que esse também se constitui como (mais) um espaço de afinidade (GEE; HAYES, 2011). Em sua totalidade, o ato da criação desse segundo perfil, que pode ser entendido como um desdobramento de “Adjetivou”, pode ser acatado como um grande *enunciado* em que Nogueira, agora escritora já publicada em livro impresso, “torna-se” na posição sujeito-autora, outra vez.

Nesse todo-enunciado, Nogueira também assume “voz de autoridade” (BAKHTIN, 2011), o que lhe faculta discorrer sobre práticas da escrita criativa e lhe autoriza socialmente a aconselhar outras pessoas que queiram seguir seu exemplo, quer seja via *podcasts* (que prescrevem diretamente “dicas” para escritores amadores), ou por intermédio de suas entrevistas (Figura 4).

Figura 4: Captura de tela – trecho de entrevista de Nogueira para o blog Literavistando.



Fonte: Recuperado de <https://alys4burns.wixsite.com/literavistando/post/entrevista-com-nat%C3%A1lia-nogueira> Acesso em: 25 mai. 2021.

No trecho representado na Fig. 4, notamos não somente a posição sujeito-autora assumida pela entrevistada, como também a relação entre escrita e subjetividade: “[e]u queria contar uma história, (...) eu cresci muito escrevendo os poemas do livro e queria que isso refletisse em minha obra” – o que reforça a ideia de que “escrita do eu”, notada por Barton e Lee (2015) nas práticas digitais, tem suas raízes na (já bem conhecida) prática da ficção autobiográfica (ARFUCH, 2010), típica da sociedade da escrita.



Outro aspecto que merece destaque está relacionado ao modo como Nogueira organizou seu livro de poesias. Conforme a própria escritora esclarece, “Colecionando partes de mim” foi organizado de forma que “[...]além de facilitar o conteúdo que iria para o livro, eu também podia contar minha história através dos poemas: na primeira parte eu falo sobre meu crescimento pessoal e como aprendia a lidar com os sentimentos ruins, então na última parte falo sobre as coisas boas, sobre minha evolução como ser humano” (cfe. Fig. 4). Assim, a coletânea é separada em três seções: Dissabor, Pundonor e Amor. Ao ler os poemas impressos no livro de Nogueira (2018), encontramos diversas interfaces com as temáticas focalizadas nas postagens de frases curtas e/ou poemas dessa autora e suas colegas no perfil “Adjetivou”.

Figura 5: Captura em imagem de poema do poema “Relacionamento abusivo”.

O que é o que é
diz coisas erradas
e inoportunas constantemente.

O que é o que é
te faz odiar a si mesmo
e sempre consegue te fazer chorar.

O que é o que é
te maltrata e te faz acreditar
que não existe nada melhor do que ficar

O que é o que é
consegue te fazer sorrir e
ainda assim, te destruir

O que é o que é
que é tão bom
mas que ao mesmo te faz querer sumir?

Relacionamento abusivo

Fonte: Nogueira (2018, p. 22).

“Relacionamento abusivo” é título e tema não apenas do poema que a Figura 5 traz em imagem, mas também de postagens do perfil “Adjetivou”, como as que estão representadas nas Figuras 6 e 7.

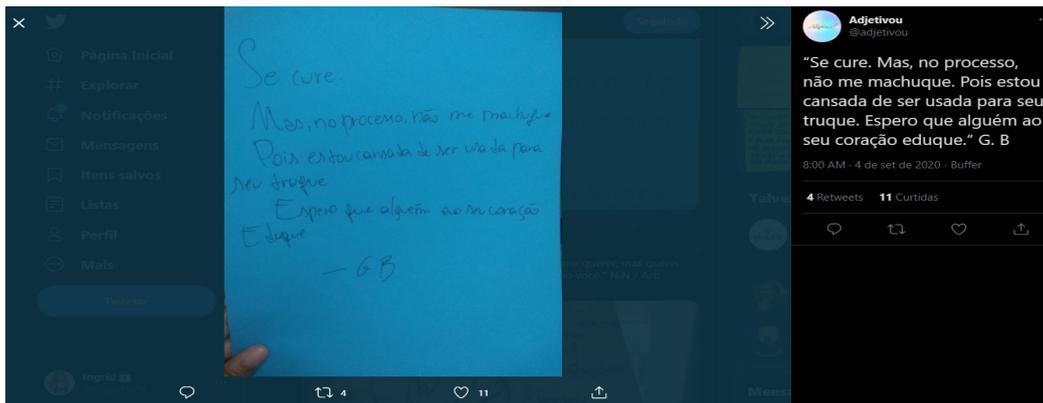
Figura 6: Captura de tela de postagem do perfil “Adjetivou”



Fonte: Recuperado de <https://twitter.com/adjetivou/status/1301097640160092160/photo/1>
Acesso em: 02 fev 2021.



Figura 7: Captura de tela de postagem do perfil “Adjetivou” assinada por G. B.



Fonte: Recuperado de <https://twitter.com/adjetivou/status/1301837583912230914/photo/1>
Acesso em: 02 fev 2021.

As Figuras 6 e 7 apresentam capturas de postagens de “Adjetivou” na plataforma Twitter. Recorrendo à multimodalidade, as postagens unem texto verbal e visual, sendo que as imagens são na verdade fotos de poemas curtos, com um único verso livre, manuscritos em papel. Note-se as mãos das escritoras que seguram as folhas e que assinam seus textos por iniciais (prática que já destacamos ser comum nas postagens das administradoras de “Adjetivou”). Enquanto seus nomes são (dis)simulados, seu corpo se faz presente.

É também interessante observar que os poemas fotografados em folhas de papel são reproduzidos na mídia digital como se fossem “legendas” que visam destacar no meio eletrônico o que foi escrito em meio analógico – talvez, com o objetivo de facilitar a leitura desses textos. De todo modo, fica explicitamente clara a relação que as enunciadoras fazem entre as práticas da “sociedade da escrita” e da “sociedade digital” (MONTE MÓR, 2017). Pensamos que, nesse caso, tal relação também valorize a poética da estética imagem-texto verbal, de modo que romantiza a escrita analógica, ao mesmo tempo em que a torna protagonista no meio digital. De tal forma, estão em diálogo dois mundos, suas práticas e os enunciados, que conversam entre si, de modo encadeado, como sugere Bakhtin (2016).

Diante da invasão das mídias síncronas e dos dispositivos móveis – que, através da internet, habilitam a ubiquidade –, percepções sociais acerca das interfaces entre os sujeitos e as práticas letradas têm sustentado diferentes discursos. Assim, em meio à busca pelo entendimento do escopo prático e de um equilíbrio entre os fazeres on-line e off-line, há discursos generalizadores que não distinguem com clareza o que tais relações poderiam gerar e que, assim, arriscam homogeneizar tanto a ideia de quem pode acessar tais tecnologias quanto de que modo poderiam fazê-lo.

Nesse sentido, ampliando nossa discussão para o campo da educação, notamos a presença de discursos salvacionistas, que veem as tecnologias digitais como recursos “má-



gicos” e autônomos que poderiam trazer melhorias aos processos educativos. Em contrapartida, há também discursos apocalípticos, que proclamam que a sociedade digital teria decretado o fim das práticas de ler e escrever “direito” ou “corretamente”, discursos esses que estariam especialmente (pre)ocupados com o que diz respeito às formas literárias e ao cânone, por exemplo. Estes últimos, geralmente vêm associados a algum tipo de senso comum que anuncia o fim da leitura e da escrita entre a população jovem contemporânea.

Colaborando para essa discussão, Cull (2011) constata que há de fato diferenças entre a escrita e a leitura que os jovens realizam nos ambientes acadêmicos e aquelas que estão permeadas em/por meios digitais. No entanto, a partir de uma resenha bibliográfica que inclui trabalhos do campo dos estudos comportamentais, sociais, tecnológicos e até neurocientíficos, o autor sugere que isso não deva ser necessariamente visto como um aspecto negativo. Assim, Cull informa que é preciso admitir que a leitura formal e/ou de textos impressos não funciona da mesma maneira que a leitura em ambientes digitais sem que, no entanto, esse fato implique que uma prática invalide à outra. Isso porque, segundo o autor, é preciso levar em conta que

[a]mbos os tipos de leitura são semelhantes no sentido de que são sustentados e aprofundados, quer envolvam seguir intensamente uma narrativa ou analisar de perto um texto. Ambos diferem da leitura apressada que fazemos todos os dias à medida que nos movemos em um mundo saturado de texto – lendo sinais de trânsito, *outdoors*, rótulos de alimentos, memorandos escolares, sites de notícias, mensagens de e-mail, tweets ou mensagens de texto (CULL, 2011, n/p, tradução de nossa responsabilidade⁸).

Diante do exposto, inferimos que determinar quais textos e práticas de escrita e leitura devem ser protagonizados, considerados como “corretos” e intitulados “canônicos” é um ato social que advém de olhares/vozes que ocupam lugares sociais privilegiados e em relações de poder. Grosso modo, percebemos que essa é uma visão socialmente e tradicionalmente balizada por/em instituições acadêmicas mais conservadoras, por exemplo.

Assim como sugere Monte Mor (2017, p. 11), nossos resultados parecem atestar que o ensino e as escolas precisam se libertar do pensamento de que a linguagem se limita apenas à oralidade e a escrita em meio analógico/tipográfico, abrindo-se para outras formas culturais e, dessa forma, dar espaço para uma estrutura funcional de “mente em rede” que “coexiste” com a “mente tipográfica”, ou seja, acatar que o existir de uma não significa anular ou invalidar à outra.

8 Do original: “Both types of reading are similar in that they are sustained and in-depth, whether they involve intensely following a narrative or closely analyzing a text. Both differ from the cursory reading we do every day as we make our way through a text-saturated world — reading traffic signs, billboards, food labels, school memos, news Web sites, e-mail messages, tweets, or text messages”.



Considerações finais

Acreditamos que nossos objetos de estudo nos permitiram rastrear práticas de letramentos que propiciam a construção de sentidos a partir do envolvimento na leitura e na escrita multimodal, de modo que marcam o hibridismo entre os universos digital e analógico.

Entendemos que a propagação dos meios e modos de comunicação e interação digitais certamente mudou a percepção geral do lugar e do papel ocupados pela leitura e pela escrita e, dentre estas, a dos textos de ficção.

Nossos resultados apontam que, ainda que imersas em um universo on-line em que interagem regularmente em práticas típicas das redes sociais em mídias digitais, as jovens que administram o perfil “Adjetivou” o fazem com vistas a promover conhecimentos valorizados na sociedade da escrita, que dão destaque ao texto tipográfico e que acatam o prestígio da educação institucional-acadêmica na construção de saberes. Em nossa opinião, isso não se apresenta necessariamente como um problema, ou um aspecto negativo da contemporaneidade *per se*. De outra parte, entendemos que nossos resultados corroboram nossa visão dialógica acerca dos processos que intercambiam as ações humanas dentro e fora do mundo digital.

Por conseguinte, esperamos que nosso trabalho possa contribuir para discussões acerca de práticas de letramento dentro e fora dos ambientes escolares e da formação docente.

A partir do que informam as postagens feitas pelas jovens responsáveis por “Adjetivou” e do perfil “CiberLiterando”, somando-se o que pontuamos em relação à trajetória até a publicação do livro de Nogueira (2018), acreditamos que seja possível afirmar que nem as práticas de leitura e de escrita, nem a valorização dos saberes educacionalmente institucionalizados correm perigo de vida eminente na sociedade contemporânea. Ao contrário, nossa pesquisa revela que a inserção dos sujeitos nos ambientes digitais, em vários momentos, pode contribuir para a divulgação e a promoção de conhecimentos já inculcados nos ambientes acadêmicos, assim como para destacar o lugar social que os textos impressos ainda ocupam. Dessa forma, deixamos nossos resultados e discussão como fonte para a reflexão daqueles que estão envolvidos na educação linguística e na formação de docentes no campo das linguagens, tanto para aqueles que busquem ampliar a discussão acerca das relações entre os universos on-line e off-line, nos dias correntes.



Referências

ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Mediatization and sociolinguistic change. Key concepts, research traditions, open issues. In: ANDROUTSOPOULOS, J. (ed.) **Mediatization and sociolinguistic change**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2014, pp. 3-48.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vital. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** (6ª ed.). Tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, organização e posfácio de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II. As formas do tempo e do cronotopo** (1ª ed.) Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online – textos e práticas digitais**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BLOMMAERT, Jan; MALY, Ico. Invisible Lines in the Online-Offline Linguistic Landscape. **Tilburg Papers in Culture Studies**. Tilburg University, paper 223, Feb 2019.

CULL, Barry W. Reading revolutions: Online digital text and implications for reading in academe. **First Monday**, 2011, v. 16, n. 6. Disponível em: <https://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/3340>. Acesso: 20 ago, 2021.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GEE, James P.; HAYES, Elizabeth R. **Language and learning in the digital age**. Londres e Nova York: Routledge, 2011.

GOSCIOLA, Vicente. AMáquina de Narrativa Transmídia: transmídiação e literatura fantástica. **I Congresso Internacional de la Red Iberoamericana de Narrativas Audiovisuales (Red INAV)**. Málaga-Sevilla, 23-25 de mayo de 2012. Editores: Virginia Guarinos, María Jesús Ruiz. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2012, pp. 127-135.

JENKINS, Henry. **Transmedia 202 – further reflections**. Disponível em: http://henryjenkins.org/2011/08/defining_transmedia_further_re.html. Acesso: 28 jul 2021.

JORDÃO, Clarissa Menezes. As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 46, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639440>. Acesso: 22 fev 2021.

MONTE MÓR, Walkyria. Sociedade da escrita e sociedade digital: línguas e linguagens em revisão. In: TAKAKI, N.; MONTE MÓR, W. M. **Construções de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens**. Campinas: Pontes, 2017, p 267-286.



NOGUEIRA, Natália. **Colecionando partes de mim**. Campinas: Rouxinol, 2018.

PINK, Sarah et al. **Digital Ethnography: Principles and Practice**. Los Angeles: Sage, 2016.

ROJO, Roxana; MOURA, Eduardo. Letramentos, mídias, linguagens. São Paulo: Parábola, 2019.

SOUZA, Lynn Mario T. M. de. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAUJO, Vanessa de A. (Org.), **Formação de Professores de Línguas-Ampliando Perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 128-140.

Recebido em: 27/08/2021

Aceito em: 26/11/2021